



O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O ESPECTRO AUTISTA: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Ana Luiza Maia de Carvalho¹

João Paulo Pordeus Brandão Monteiro²

Tatiane Moreira da Silva³

Ferdinando de Oliveira Figueirêdo⁴

RESUMO

A educação inclusiva é uma área que, no decorrer dos anos, foi afetada por um processo de reorganização com o intuito de adaptar o ensino-aprendizagem no sentido de atender as limitações de diferentes indivíduos. Com o modelo curricular do ensino básico brasileiro, cujo programa destaca a importância de conhecer e aprender a língua inglesa como um direito do estudante, é urgente observar qual a conjuntura atual do ensino inclusivo no que diz respeito à atenção do trabalho docente com o aluno portador do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na promoção de uma aquisição efetiva do idioma. Ao partir dessa perspectiva, o presente artigo objetivou apresentar uma pesquisa bibliográfica de produções científicas publicadas no Brasil entre 2020 e 2024, cuja temática estivesse centrada na discussão sobre o ensino de língua inglesa voltado para esse perfil de estudante. Enquanto objetivos específicos, o estudo pretendeu identificar textos que tratem a forma pela qual a aprendizagem do discente autista é evidenciada nas plataformas Capes, *Google Acadêmico* e *SciELO* – sobretudo em relação ao ensino de língua inglesa e os aspectos ilustrados –, analisar os métodos de observação sobre a problemática e compreender quais são as eventuais contribuições e lacunas nas produções verificadas. Para a normatização da pesquisa, foram adotadas algumas etapas que auxiliassem na busca e seleção de materiais que abordassem o referido tema. Desse modo, o trabalho se constitui de uma pesquisa de caráter qualitativo, documental e com análise de conteúdo, que se realizou mediante a leitura, a observação, a reflexão dos resultados e a percepção crítica acerca da contribuição para o tema em análise. Com efeito, foi feita uma associação de cada material com autores que contribuem no debate sobre a educação inclusiva, o aluno autista e o ensino de língua estrangeira, a exemplo de Olga Bogdashina (2005), Sue Stubbs (2008), Éric Laurent (2014), Emílio Figueira (2023), etc. Os resultados comprovaram que grande parte dos estudos promoveu o conhecimento da realidade do autista e o ensino de língua inglesa por meio da experiência, mas a quantidade insuficiente destes expressou a necessidade de haver mais investigações que se interessem não somente no ensino-aprendizagem da língua em foco, mas de outras línguas estrangeiras. O aprendizado de idiomas, desse modo, foi observado como um domínio pertinente na contemporaneidade e no exercício da cidadania, pois o ser humano está cada vez mais imerso em um cenário globalizado e permeado pela contínua circulação de conhecimentos.

Palavras-chave: Ensino de língua inglesa, Inclusão, Autismo, Pesquisa bibliográfica.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina. E-mail: analuiza.carvalho@upe.com.br.

² Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina. E-mail: joao.pordeus1408@gmail.com.

³ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina. E-mail: tatiane.msilva@upe.br.

⁴ Doutor em Literatura e Interculturalidade (UEPB) e Professor Assistente da Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina. E-mail: ferdinando.oliveira@upe.br.



INTRODUÇÃO

A educação inclusiva é uma área que, ao longo dos anos, passou por um processo de reestruturação a fim de adequar o ensino-aprendizagem que atendesse as limitações de diferentes indivíduos. Nesse contexto, o cenário educacional assumiu diferentes dimensões no intuito de responder as necessidades de cada sujeito que busque o alcance do conhecimento, e cabe a todos os envolvidos na organização escolar estarem preparados a compreender as diferenças individuais, no sentido de que, no ambiente inclusivo, todos contêm o mesmo valor (Figueira, 2023).

No panorama educacional inclusivo, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) ocupa um lugar importante nesta discussão. Considerado um distúrbio que se manifesta no ser humano a partir do desenvolvimento infantil e prolongado ao longo da vida, o autismo, na hodiernidade, adquiriu um apoio crescente por meio de organizações e decretos legislativos em favor de uma educação inclusiva para promover o bem-estar escolar dos que são diagnosticados por tal particularidade. Como argumentam Ana Beatriz Barbosa Silva, Mayra Bonifácio Gaiato e Leandro Thadeu Reveles (2012, p. 52), “[...] é na instituição de ensino que se aprende a conviver em grupo, a se socializar, trabalhar em equipe, conviver com as diferenças: são os primeiros passos rumo à vida adulta”.

Todavia, o contexto escolar não se resume somente na integração do sujeito em um corpo social, mas na aprendizagem dos diferentes conteúdos que fazem parte do seu percurso formativo. Quando se trata da aprendizagem de línguas, em especial a língua inglesa, o caráter social assume uma proporção mais ampla, uma vez que, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, o ensino-aprendizagem do idioma “[...] pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa [...]” (Brasil, 2018, p. 241). Isso significa que a preparação curricular e pedagógica para o exercício docente em língua inglesa requer uma atenção no aprendiz enquanto um ser atuante, a fim de que ele interaja com os componentes linguísticos e culturais de forma viva – independente da condição que ele assuma –, já que constitui um aspecto normativo dos documentos oficiais do ensino brasileiro.

Dada a necessidade de refletir sobre a atenção dada ao ensino de língua inglesa para estudantes com autismo, o presente estudo tem como objetivo principal trazer uma pesquisa bibliográfica de estudos já publicados no ambiente acadêmico, cujo foco envolva a reflexão sobre tal temática. Como objetivos específicos, são estes: identificar, em plataformas de base científica, produções que ilustrem a forma pela qual a aprendizagem do estudante autista é apresentada em relação ao ensino de língua inglesa e as relações expostas; analisar os métodos de observação sobre a problemática; compreender quais são as prováveis contribuições e lacunas nos estudos verificados. Nessa perspectiva, este exame expõe pressupostos eventuais de aspectos que indiquem a seguinte problemática: O que os resultados acerca do desenvolvimento de pesquisas científicas sugerem no concernente ao ensino de Língua Inglesa a pessoas que possuem o TEA?

Para tanto, os procedimentos aplicados para a normatização deste estudo se deram a partir de levantamentos de pesquisas acadêmicas brasileiras publicadas entre 2020 e 2024 nos seguintes bancos de dados: periódicos da Capes, *Google Acadêmico* e *SciELO*. Como metodologia, adotou-se uma abordagem qualitativa pela análise de conteúdo, sugerida por Tozoni-Reis (2009) a partir de outros estudos, cujo procedimento envolve analisar um discurso, documento ou qualquer outro tipo de texto com a finalidade de desvendar os seus sentidos



evidentes ou escusos. Todos os materiais averiguados apresentaram especificidades na sua forma de pesquisa, como estudos de caso, estudos de campo, pesquisa bibliográfica, etc., porém, as plataformas demonstraram uma insuficiência de publicações que abordassem essa temática na atualidade. Desse modo, a contribuição deste estudo está em trazer em discussão o quanto e como está apresentada a problemática do estudante com autismo no que diz respeito à aprendizagem de língua inglesa no Brasil, assim como estender essa análise para outras áreas da educação inclusiva que, de certa forma, dialogam com as demandas em torno do estudante com necessidades especiais e de todos que contribuem para sua formação no cenário educacional.

Em face do exposto, este trabalho se organizou pelas seguintes seções: uma breve apresentação do referencial teórico acerca da educação inclusiva e do ensino de língua estrangeira, com uma atenção particular ao perfil do estudante autista; logo após, serão expostos os procedimentos metodológicos empregados para a estruturação da pesquisa; em seguida, traz-se a amostra dos resultados e a análise crítica sobre eles baseada em pressupostos teóricos, seguida pelas considerações finais do presente trabalho, especialmente no que contribuiu para a atenção emergente que se deve ter com o aprendiz autista de língua inglesa, já que ele também é um cidadão com os mesmos direitos de acesso à uma educação de qualidade e inclusiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

Uma vez que a educação inclusiva atua como o principal aporte dos estudantes com necessidades especiais, é elementar compreender como essa área é tratada pelos documentos oficiais brasileiros que orientam e regem o ensino voltado para esse cenário. Embora não cite o autismo como característica específica de um perfil estudantil, infere-se que os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (1997), por exemplo, apresentam sugestões introdutórias que foquem em uma modalidade de ensino que atenda a esse aluno. Evidencia-se, nesse sentido, que a abordagem didática do professor deve ser constituída de uma especial atenção aos “[...] fatores sociais, culturais e a história educativa de cada aluno, como também características pessoais de déficit sensorial, motor ou psíquico, ou de superdotação intelectual” (Brasil, 1997, p. 63). A ideia, nesse caso, é garantir meios dos quais a aprendizagem do sujeito e torne um espaço produtivo para que ele consiga suprir insuficiências relacionadas aos conteúdos necessários para exercer sua cidadania.

De certa maneira, esse debate sobre a inclusão no contexto escolar é contínuo em outros manuscritos normativos. Ainda nos Parâmetros Curriculares – agora, direcionados ao Ensino de Línguas Estrangeiras –, a linguagem é tratada como um recurso indispensável para que os cidadãos atuem na sociedade para a construção de significado. No processo de organização curricular, esse aspecto sociointeracional necessita ser considerado, pois, conforme o escrito, os temas precisam contemplar as variações identitárias que estão intrínsecas nos falantes durante a produção do discurso, sejam eles pobres, ricos, homens, mulheres, brancos, negros, jovens idosos, portadores de necessidades especiais, dentre outros (Brasil, 1998).

Nesse mesmo viés, a Base Nacional Comum Curricular estabelece uma atenção sobre o ensino inclusivo enquanto um espaço que “[...] requer o compromisso com os alunos com deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular [...]” (Brasil, 2018, p. 16). Desse modo, o ensino de língua inglesa, bem como de outras áreas de conhecimento, exige um planejamento orientado nesse norte para promover uma



aprendizagem eficiente do estudante portador de necessidades especiais, como os que apresentam o TEA.

Em vista de que os documentos elencados não trazem especificidades sobre o ensino de língua inglesa para o indivíduo autista, o professor precisa desenvolver seu planejamento didático mediante o uso de manuais e textos teóricos que o auxiliem na experiência docente. Após uma busca por especialistas que analisem e proponham métodos de ensino, foi possível identificar textos que, em sua constituição, expõem ideias de interesse para a concretização de um ambiente inclusivo de aprendizagem do idioma para esse modelo de estudante.

Nos estudos de Sharon Lynch (2009), apresentam-se algumas recomendações sobre formas de ensino que podem ser adotadas durante a ministração dos conteúdos. De modo geral, enquadram-se alguns princípios, como promover uma sala de aula organizada, desenvolver habilidades sociais, adaptar as disciplinas, modificar a linguagem convencional e manter as explicações de modo objetivo e simples por meio do emprego de imagens, objetos e outros artifícios visuais (Lynch, 2009). Assim, os alunos com autismo são capazes de obter resultados satisfatórios no entendimento das informações mediante o aprimoramento de suas habilidades de compreensão.

No ensino de uma língua estrangeira como o inglês, os cuidados com a educação não seriam diferentes. Para Olga Bogdashina (2005), é significativo incluir o aluno autista no conhecimento de outro idioma já nos anos iniciais devido este ser caracterizado por dificuldades quanto ao uso da linguagem. Percebe-se, então, que à medida que o ser humano com autismo comece a aprender um segundo idioma, melhor desempenha o processo de aquisição em diferentes aspectos, como gramática e pronúncia. A perspectiva é que, ao mesmo tempo em que se atente para o uso instruído da língua materna, haja também uma intervenção da língua estrangeira no aprendiz autista a fim de que ele alcance o funcionamento das distintas expressões linguísticas de maneira completa.

Enquanto professores de inglês, esses docentes almejam que os alunos entendam que a linguagem é constituída de elementos léxico-gramaticais, isto é, pronomes, adjetivos, verbos, etc., e como utilizá-los no cotidiano. Entretanto, a partir de sua experiência no cenário educacional, Mary Lynch Barbera e Tracy Rasmussen (2007) relatam e orientam que é preciso haver uma decomposição da linguagem quando se trata de ensinar a língua para o aluno autista, de maneira que ele compreenda completamente as habilidades linguísticas a serem apreendidas e trabalhá-las em cada área de comunicação de forma separada. Um dos meios pelos quais isso pode ser realizado com eficiência é avaliar a capacidade do estudante antes mesmo de planejar o programa de ensino, ao partir, especificamente, do desenvolvimento de elementos básicos da língua – como as vogais e sílabas – para os mais complexos – a produção de palavras e sentenças em situações específicas de uso da língua.

Diante do modelo curricular do ensino básico brasileiro, cuja proposta está em oportunizar o aprendizado da língua inglesa como um direito do estudante – não obstante de sua condição –, e das indicações elencadas para a organização do trabalho docente, é imprescindível que o professor estimule a capacidade do estudante autista em aprender o idioma. Ao atender as necessidades desse público em particular, é possível organizar métodos de instrução que satisfaçam a inclusão do sujeito no uso dos componentes linguísticos. Para isso, atenta-se para como as pesquisas mais atuais apreciam essa questão singular do ensino de língua inglesa voltado para este público e se concordam com a realização de um cenário que integre efetivamente esse modelo de aluno, temática esta evidenciada na pesquisa.



METODOLOGIA

Para a consolidação deste estudo, foram seguidos alguns passos necessários que auxiliassem na ação de encontrar textos sobre o ensino de língua inglesa direcionado ao portador do TEA. Definiu-se o método qualitativo como um condutor para a análise das pesquisas encontradas, pois tal proposta abrange:

[...] a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (Gil, 1991, p. 133).

Nesse sentido, os procedimentos ocorreram por meio de uma coleta de dados em três bancos de pesquisa, a saber: periódicos da Capes, *Google Acadêmico* e *Scielo*. Tais buscas aconteceram entre os meses de outubro e dezembro de 2024 em ambas as plataformas, focadas especificamente em textos científicos. Com base nos dados encontrados, foi feita uma análise minuciosa de todo o material para identificar como o ensino de língua inglesa para o público autista foi tratado em conjunto com os resultados expostos.

Previamente, foi preciso entender o processo de pesquisa bibliográfica, cujo principal princípio está no “[...] fato de que o campo onde será feita a coleta dos dados é a própria bibliografia sobre o tema ou o objeto que se pretende investigar [...]”. Na pesquisa bibliográfica, vamos buscar, nos autores e obras selecionados, os dados para a produção do conhecimento pretendido” (Tozoni-Reis, 2009, p. 25). Foi preciso considerar que, no concernente à pesquisa bibliográfica, essa se associou a outra modalidade de investigação: a documental, já que os textos selecionados foram submetidos a uma visão analítica reestruturada de acordo com os propósitos do estudo (Prodanov e Freitas, 2013). Desse modo, seguiram-se as etapas de leitura dos textos, observação crítica das pesquisas abordadas, reflexões acerca dos resultados obtidos e um olhar conclusivo sobre a contribuição da produção acadêmica para a temática de interesse.

Para que houvesse uma melhor organização das informações, as produções foram coletadas e inseridas em quadros. Nesses, os dados elementares foram integrados em colunas delimitadas pelos seguintes elementos: título do artigo, autores e ano de publicação, instituição e o tipo da pesquisa. Para cada plataforma, empregaram-se os termos-chave: “autismo”, “autista”, “ensino de inglês”, “ensino de língua inglesa” e “autismo e ensino de língua inglesa”. Primordialmente, optou-se por estudos publicados no Brasil em um período dos últimos cinco anos, mais especificamente entre 2020 e 2024.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentam-se os dados da investigação efetuada sobre os textos, de modo que esses foram coletados e organizados pelas seguintes informações: título, autor(es) e ano, instituição de publicação e o tipo da pesquisa. Isso é próprio do processo organizacional da investigação científica, uma vez que é fundamental “tratar os processos de investigação dos fenômenos educativos com rigor científico, mas sem esquecer o compromisso social que esse processo exige” (Tozoni-Reis, 2009, p. 15). Logo mais, expõem-se os quadros estruturados e os dados de interesse para este estudo.



Quadro 1 – Periódicos da Capes.

Título	Autor(es)/Ano	Instituição de publicação	Tipo de pesquisa
Flexibilizações curriculares nas línguas estrangeiras: experiências educacionais junto à estudantes público-alvo da Educação Especial	Renata Gomes Camargo Ciriane Jane Casagrande da Silva/2020	Universidade Federal de Santa Catarina	Estudo de campo
Ampliando horizontes: ensino de inglês para crianças com transtorno do espectro autista	Otto Henrique Silva Ferreira Juliana Reichert Assunção Tonelli/ 2020	Universidade Estadual de Londrina	Estudo de caso
O impacto da Pandemia no ensino de Língua Inglesa na Educação Inclusiva	Gabriela Souza Paim/2021	Universidade Estácio de Sá	Estudo de caso
O percurso de duas professoras em ações colaborativas para a inclusão de uma aluna autista na aula de língua estrangeira	Vanessa Borges-Almeida Cristiane Resende/2023	Universidade de Brasília	Pesquisa-ação

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Quadro 2 – Google Acadêmico.

Título	Autor(es)/Ano	Instituição de publicação	Tipo de pesquisa
O processo de ensino-aprendizagem em língua inglesa de um aluno com autismo: um estudo de caso em uma escola inclusiva	Charles Lima Silva Rosana Assef Faciola Rosamaria Reo Pereira/2018	Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial	Estudo de caso
Lúdico no ensino de língua inglesa com crianças autistas: Uma abordagem sociointeracionista	Letícia Dantas Ferreira Tatiana Cristina Vasconcelos/2018	CINTEDI - Congresso Internacional de Educação Inclusiva	Pesquisa bibliográfica
O ensino da língua inglesa para crianças com Transtorno do Espectro Autista na Escola Estadual Dr. Augusto Mariani em Andradina-SP	Moisés da Silva/2022	Blucher Proceedings	Abordagem comunicativa
Educação inclusiva: o ensino de língua inglesa para alunos autistas e escolas regulares	Leila Bastos dos Santos/2022	Universidade do Estado da Bahia	Estudo de Campo

Fonte: Dados da pesquisa (2024).



Quadro 3 – Scielo.

Título	Autor(es)/Ano	Instituição de publicação	Tipo de pesquisa
Habilidades Sociais Educativas de pais de crianças com autismo: revisão de literatura	Júlia Maria Girotto Agostini Lucas Cordeiro Freitas	ABRAPEE - Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional	Revisão de literatura

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Após o levantamento nos bancos de dados, somaram-se nove arquivos encontrados em consideração à temática-alvo. Como apresentado acima, foi feita uma coleta atenciosa de periódicos na Capes, *Google Acadêmico* e *Scielo*, que reuniu os seguintes tipos de investigação: dois estudos de campo, três estudos de caso, uma pesquisa-ação, uma pesquisa bibliográfica, uma abordagem comunicativa e uma revisão de literatura. Tanto a Capes quanto o *Google* apresentaram um conjunto de quatro trabalhos científicos, enquanto que a plataforma *Scielo* forneceu somente uma pesquisa que, inclusive, não ilustrou uma relação direta com ensino de inglês para o estudante autista, e sim, expôs uma revisão de literatura que abrangia estudos direcionados a textos que, de alguma forma, abordassem o Sistema de Habilidades Sociais Educativas em pais de crianças com o TEA, e uma provável correspondência entre essas habilidades e as posturas comportamentais dos progenitores. Isso posto, esta pesquisa não foi levada em consideração para análise, mas, em coerência com a busca realizada, decidiu-se inserir neste trabalho como uma forma de demonstrar a escassez dessa discussão na referida interface de dados.

No que diz respeito aos periódicos da Capes, o primeiro estudo de campo apresentou uma discussão sobre a flexibilização de atividades de línguas estrangeiras realizadas com estudantes da Educação Especial. Para isso, tais atividades foram desenvolvidas com três estudantes de francês, inglês e alemão, de modo que dois desses eram portadores do TEA. Como resultados, observou-se que a flexibilização foi uma importante ação no planejamento dos objetivos de ensino e na elaboração dos materiais didáticos que envolvessem a ludicidade e gamificação, o que definiu uma aprendizagem significativa para os estudantes de línguas estrangeiras incluídos no estudo. Essa iniciativa, de fato, concordou com o estudo de Emílio Figueira (2023), que observou a importância de personalizar as atividades no sentido de impulsionar a participação desses estudantes, independentemente de suas restrições, além de incentivar a colaboração entre os indivíduos da organização do ambiente escolar inclusivo.

Com relação aos estudos de caso encontrados na Capes, ambos se preocuparam com a inclusão do aluno autista no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa, mas com esferas distintas. O primeiro expôs uma discussão sobre a aprendizagem de língua inglesa para as crianças com TEA, com enfoque na contribuição do idioma na superação dos obstáculos no aprendizado. Para esse fim, os autores compuseram uma sequência didática que reuniu atividades aplicadas durante o Estágio Supervisionado exercido em uma turma que continha um aluno autista. Mediante o trabalho executado, os resultados demonstraram que as abordagens e as adaptações efetuadas favoreceram o aperfeiçoamento linguístico do estudante, além de promover sua participação social, meta essa aliada ao trabalho de inclusão na conjuntura escolar.

O segundo estudo de caso, por sua vez, abordou o ensino de língua inglesa em um cenário contextual particular, ou seja, a docência remota com alunos especiais em meio à pandemia de COVID-19. Essa ótica de pesquisa se originou a partir de entrevistas online



realizadas com pais de alunos autistas e, conforme os dados coletados, observou-se uma visão particular do ensino remoto a esses alunos em meio a uma emergência global.

Dessa maneira, os resultados da pesquisa apontaram os seguintes aspectos: posturas diversas de famílias sobre lidar com a educação a esses indivíduos no isolamento; dificuldades em aplicar determinadas atividades durante a transição do ensino presencial para o emergencial; a preparação dos estudantes para o panorama pós-pandêmico; a necessidade de enquadrar diversas formas de ensino-aprendizagem nos lares; e, por fim, a empatia entre as famílias de alunos autistas para lidar com prováveis empecilhos em épocas difíceis, a exemplo do isolamento na pandemia. Ambos os estudos de caso corroboraram com a percepção do dever do professor em procurar compreender que o estudante com autismo “[...] não precisa e nem deve ser ‘carregado no colo’”. Ele pode ter acesso à compreensão mútua, inspiradora para ter o sentimento de pertencimento” (Armenara, Stringhini e Kunkel, 2002, p. 10).

Sobre a pesquisa-ação identificada no portal da Capes, foi proposta uma descrição e discussão em vista do trabalho docente protagonizado por duas professoras que desempenharam ações colaborativas para a promoção de um ensino de inglês inclusivo a um aluno autista. Por meio de análise documental, entrevistas, fotografias, gravações das aulas e encontros entre as educadoras, as autoras adquiriram conhecimentos sobre o TEA e as estratégias que puderam ser adaptadas para a criação de um panorama inclusivo, com especial destaque às implicações afirmativas das ações pedagógicas efetivadas. Identificou-se, assim, que o artigo expressou alternativas em compreender as estratégias de ensino por meio da praticidade, de forma que, como sugeriu Lynch (2009) sobre o ato de reconhecer o aluno autista, as informações permitiram que as autoras obtivessem uma ideia do que ele era capaz de fazer e do que ele precisava aprender.

Os textos do *Google Acadêmico* também promoveram perspectivas específicas acerca do ensino-aprendizagem de língua inglesa ao público autista. O estudo de caso teve como foco temático observar o desempenho do professor no processo de ensino-aprendizagem do idioma com autistas. Para esse objetivo, os autores coletaram os dados por meio de uma entrevista semiestruturada com uma docente e a observação da regência. Pela análise do conteúdo e dos efeitos ocasionados no ensino, os resultados apontaram o interesse da professora em buscar apoio dos familiares do aluno e da própria escola, além de que as estratégias didáticas empregadas aparentaram serem eficazes devido ao retorno positivo por parte do estudante. Nesse estudo, analisou-se que o trabalho da responsável pela disciplina foi um importante suporte na trajetória do aluno e dos pais que, de modo geral, costumam sentir o frequente “sentimento de abandono, que os leva a fazer do filho a ‘causa’ de sua vida e a militar a favor de seus direitos” (Laurent, 2014, p. 30-31).

A pesquisa seguinte, de caráter bibliográfico, mostrou uma leitura particular de um artigo publicado em um evento específico que envolveu a promoção de atividades lúdicas em aulas de língua inglesa desenvolvidas para crianças autistas. Os resultados da análise textual indicaram a ênfase do papel da ludicidade no estabelecimento de relações por parte do aprendiz com o grupo em que está imerso, a fim de aprimorar a aprendizagem e o raciocínio individual. Ademais, a parceria com os colegas foi um aspecto importante para a conclusão das autoras, uma vez que esse fator auxiliou na ampliação das habilidades comunicativas e no entendimento dos conteúdos pela interação. Consequentemente, isso concorda com Figueira (2023, p. 54), que considera a perspectiva de que quando as crianças com autismo “[...] veem seus colegas sem deficiência realizando certas tarefas, serão estimuladas a imitarem e se autoestimularão, se superarão em suas próprias deficiências”.



A abordagem comunicativa encontrada na plataforma do *Google* consistiu em um estudo publicado em formato de pôster, o que se distanciou das pesquisas anteriores. De toda forma, foi uma investigação concernente com a abordagem deste artigo, pois sugeriu uma proposta temática linguístico-educacional que envolveu o ensino de língua inglesa desde os anos iniciais para crianças autistas a partir da integração de situações do uso real do idioma com gêneros textuais. À vista disso, averiguou-se o ensino-aprendizagem de uma segunda língua enquanto um condutor do desenvolvimento do aspecto cognitivo e social do autista, pois promoveu a interação com os outros que o circundam. Logo, observou-se que o método didático aplicado poderia trazer “consequências sociais muito positivas, já que a criança conseguirá interagir e entender melhor seus pares” (Silva, 2008, p. 107).

O último artigo encontrado foi um estudo de campo que partiu do interesse da autora em entender a forma como o processo de inclusão foi integrado aos alunos autistas no que diz respeito ao ensino de língua inglesa. Vale salientar que, para o alcance dos objetivos, o estudo realizou uma avaliação do planejamento e trabalho docente em salas que apresentassem esse perfil de estudantes, cujos resultados indicaram o engajamento dos professores ao procurar inserir os aprendizes de maneira ativa e inclusiva. Os resultados obtidos demonstraram que, apesar dos profissionais não possuírem formação adequada para ensinar alunos com TEA, efetivaram um trabalho engajado na inserção desses alunos de maneira inclusiva e participante. No ponto de vista apresentado no estudo, compreendeu-se que a percepção da autora estaria aliada ao que Bogdashina (2005) apontou sobre o exercício docente com pessoas autistas, já que é essencial haver o reconhecimento das particularidades desses sujeitos para reconhecer suas limitações, selecionar métodos apropriados e planejar intervenções a esses estudantes.

Nesse sentido, após a leitura analítica de todos os estudos, compreendeu-se que a maior parte deles promoveu o conhecimento da realidade do autista e o ensino de língua inglesa por meio da experiência, exposta pelos estudos de caso, de campo e pela pesquisa-ação. Com efeito, isso estabeleceu a grande dimensão que caracteriza as experiências práticas na educação inclusiva, além de destacar que as “demonstrações práticas de uma educação inclusiva com sucesso, em diferentes culturas e contextos, são uma forte influência para o seu desenvolvimento” (Stubbs, 2008, p. 31). Todavia, a quantidade insuficiente de estudos encontrados expressou a emergência de haver mais investigações acerca da aprendizagem não somente da língua inglesa, mas de outras línguas estrangeiras, pois, conforme as demandas atuais, o ser humano está imerso em um cenário globalizado. Portanto, a circulação de conhecimentos é cada vez mais constante, exigindo, desse modo, a aquisição de, pelo menos, um segundo idioma para a compreensão de determinadas informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise teve como objetivo geral expor uma pesquisa bibliográfica de estudos – anteriormente publicados no Brasil entre 2020 e 2024 – em plataformas virtuais que focassem no ensino de língua inglesa para estudantes com TEA. Para tanto, foram empregadas algumas ações que contribuíssem na procura e escolha de textos que abordassem o tema em específico. Desse modo, o estudo adotou uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, documental e com análise de conteúdo, cujo trabalho aconteceu por meio da leitura, a observação, a reflexão dos resultados e percepção crítica de produtos científicos da plataforma da Capes, *Google Acadêmico* e *Scielo*. Consequentemente, foi feita uma relação de cada material com teóricos



que, de alguma maneira, dialogassem com a educação inclusiva, o aluno autista e o ensino de língua estrangeira.

Mediante os textos encontrados em cada banco de dados, observou-se que a plataforma *Scielo* praticamente indicou uma escassez do tema pesquisado, uma vez que, após a inserção dos termos-chave, somente um artigo foi encontrado. Entretanto, o referido trabalho não possuía uma relação direta com o ensino de língua inglesa a alunos com TEA, mas uma discussão voltada para os pais desses estudantes, mais especificamente às Habilidades Sociais Educativas desses familiares.

Por outro lado, as produções científicas trazidas pela Capes e pelo *Google Acadêmico* trouxeram um avanço considerável na observação sobre o tema, em vista de que tais estudos propuseram a abordagem do ensino de língua inglesa para o público autista a partir da experiência. Contudo, percebeu-se que o quantitativo de achados significou uma carência de publicações que promovessem propostas que aprimorassem o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa a esses alunos.

Nessa perspectiva, compreendeu-se que o ensino de língua inglesa é um campo particular que necessita de atenção quando se trata do aluno autista, uma vez que a dificuldade no exercício da linguagem e da interação corresponde a uma característica própria desse indivíduo. Desse modo, produzir meios que superem esse obstáculo representa uma ação indispensável por parte do professor de línguas que, no momento do seu planejamento didático, deve encontrar estratégias favoráveis ao aprendizado desse estudante de maneira confortável, eficiente e, maiormente, inclusiva.

Portanto, os dados levantados confirmaram que, apesar das mudanças ocorridas ao longo do tempo na estruturação do ensino inclusivo, a pessoa com TEA ainda é um indivíduo que não possui uma atenção especial suficiente no que concerne à organização de políticas públicas e trabalhos pedagógicos que promovam uma aprendizagem inclusiva. O ensino de língua inglesa consistiu somente na amostra de uma realidade educacional abrangente que precisa ser revisitada continuamente, de forma que todas as áreas de conhecimento devem ser adequadamente instruídas para que esse perfil de estudante progrida na sua formação enquanto construtor de saberes e, sobretudo, para o exercício de sua autonomia como cidadão.

REFERÊNCIAS

ARMENARA, Valdirene Aparecida; STRINGHINI, Denise; KUNKEL, Maria Elizete.

Transtorno do Espectro Autista (TEA): Manual para o professor de ensino superior. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

BARBERA, Mary Lynch; RASMUSSEN, Tracy. **The Verbal Behavior Approach:**

How to Teach Children with Autism and Related Disorders. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2007.

BOGDASHINA, Olga. **Communication Issues in Autism and Asperger Syndrome.**

London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:**

introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.



BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FIGUEIRA, Emílio. **Introdução geral à Educação Inclusiva**: Artigos, Entrevistas, Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos Para Professores e Famílias, Legislações. São Paulo: Figueira Digital/Agbook, 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. SP: Atlas, 1991.

LAURENT, Éric. **A batalha do autismo**: da clínica a política. Tradução de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LYNCH, Sharon. Understanding Recommendations for Identification and Programming. In: SPENCER, Vicky G.; SIMPSON, Cynthia G. (ed.). **Teaching children with autism in the general classroom**: strategies for effective inclusion and instruction in the general education classroom. Waco, Texas: Prufrock Press Inc., 2009. p. 5-27.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular**: Entenda o autismo. Rio de Janeiro: Fontanar, 2008.

STUBBS, Sue. **Educação inclusiva**: Onde existem poucos recursos. Tradução de Ana Gigante. Manchester: The Atlas Alliance, 2008.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.